

À Biblioteca Pública de

Braga

TRIBUNA Livre**25**
NOVEMBRO
1961**SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES**

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 — **AMARES****A visita Presidencial
à ESPANHA****Os Chefes dos Estados Português e Espanhol reuniram-se na terça feira no Pardo e depois num Banquete oferecido pelo Generalíssimo Franco ao Contra-Almirante Américo Thomaz**

Depois do almoço íntimo com os membros da sua comitiva, o Presidente Américo Thomaz, que ontem foi alvo, na capital espanhola, de uma das mais entusiásticas recepções até hoje dispensadas pelos madrilenos a um visitante, mau grado a chuva torrencial, dirigiu-se, de automóvel, para o Palácio do Pardo residência oficial do Chefe de Estado espanhol, numa visita que se revestiu de grande cordialidade.

O Chefe do Estado português concedeu ao Caudillo a Banda das Três Ordens e o Chefe do Estado espanhol, por seu turno, ofereceu ao seu hóspede uma das três mais importantes condecorações espanholas.

Depois dos cumprimentos, o Generalíssimo Franco e sua

esposa conduziram os seus hóspedes para um elegante salão, onde se procedeu à troca de presentes—para o Generalíssimo Franco, um serviço de porcelana da fábrica de Vista Alegre, de 196 peças, no estilo de Limoges, uma terrina de prata portuguesa antiga e um alfinete de peito e brincos, de grande valor artístico para D. Carmem Franco; para o Presidente Américo Thomaz, um medalhão antigo, preciosidade de valor histórico, um alfinete de peito para D. Gertrudes Thomaz e um par de brincos para sua filha, D. Maria Natália.

A troca de condecorações, logo após efectuada, revestiu-se da maior solenidade. Com breves palavras, o Chêfe

Continua na 6.a página

Notícias para Angola

Obrigado por razões particulares a interromper as notícias para os soldados e irmãos que no ultramar esperam ordens para uma visita às famílias constituídas e a constituir, venho hoje dizer-vos algo do que sei e que vos possa dar linitivo nas horas da ceta para recunperardes as vigílias noturnas aos cadáveres vivos que ainda vos possam roubar a vida!

Realizaram-se as eleições para deputados e em todo o país decorreram com a maior serenidade e elevada compostura, numa demonstração de que o nosso povo vai compreendendo melhor o seu dever cívico, embora, nesta parte se pudesse ir mais além, se queremos uma vida melhor para nós e nossos filhos, no dia de amanhã, teremos de viver unidos, trabalhar em conjunto e ter Fé nos destinos da Pátria. Os regimens vão, são efémeros, mas a Nação fica, e é preciso que fique intacta como a deixaram os nossos antepassados. Angola e Moçambique têm que continuar a ser províncias portuguesas, a quem temos de levar todo o

nosso esforço de civilização cristã numa cooperação íntima com a Metropole.

Confiemos, no entanto, no saber e na estuante juventude do professor Adriano Moreira, que á frente do Ministério do Ultramar está a demonstrar a todos nós uma brilhante carreira uma actividade invulgar, de quem sabe o que quer e para onde vai.

Continua na 5.a página

SIR ROY WELLENSKY**Elogia a atitude de Portugal relativamente á África**

Ao chegar à cidade, de Salsibúria, de regresso da sua viagem à Europa, Sir Roy Wellensky, o Primeiro Ministro da Federação das Rodé-Niassalândia, declarou aos sias e jornalistas ter ficado «muito bem impressionado com a atitude progressiva do Governo português em relação à África».

Sir Roy salientou ter pas-

CALDELAS**presta homenagem ao seu pároco, o Rev.****JOÃO DE FREITAS**

Amanhã a freguesia de Caldelas, e atrás dela o concelho de Amares, prestam homenagem ao Rev. Padre João de Freitas, pároco de Caldelas, pela passagem das suas bodas sacerdotais.

Sacerdote exemplar pelas suas virtudes e pela dedicação ao seu *munus*, arqueólogo, escritor e pensador, o Padre João de Freitas é figura

(Continua na 4.a página)

Cortejo de oferendas para a construção do Nosso Hospital

Finalmente, e depois de tantos vetos, a Comissão Administrativa na nossa Santa Casa da Misericórdia deliberou fazer o tão esperado cortejo de oferendas.

Este cortejo é tão necessário que sem ele não poderia a Santa Casa fazer face à construção que o Estado projecta do novo Edifício Hospitalar. Mesmo assim e porque há pessoas que não sabem fazer mais nada do que estorvar, a decisão só agora teve unanimidade.

É caso para respirar fundo, pois finalmente fizeram-nos o favor de consentir que contribuamos desta forma para a nossa maior casa decaridade.

Estamos apesar de tudo convencidos que este privilégio que acaba de ser concedido aos Povos de Amares, vai dar lugar a uma grandiosa manifestação pública de caridade e altruísmo.

Continua na 5.a página

Instalações Sanitárias

Os estabelecimentos públicos dos países civilizados têm regras de higiene a cumprir e muitas delas são de tal modo importantes que não podem de forma alguma ser esquecidas.

Um hotel, uma pousada, uma casa de pasto, estabelecimentos frequentados por pessoas de todas as condições sociais e que, de certo modo, substituem, ainda que acidentalmente, os seus lares, não podem descurar o grande problema de tornar ameno e agradável a estância dos que as frequentam. Não se trata só duma questão de pura

seriedade comercial, pois, se o cliente paga o que é justo que se lhe exija, deve ser servido, sem favor, com os requintes de delicadeza e de educação a que já hoje estão habituados os viajantes de todos os países cultos.

Receber condignamente um hóspede em sua casa, é arte que não se deve ignorar, mormente quando o cliente paga para ser servido com toda a correcção, sem deficiências ou anacronismos.

Ora a correcção não deve limitar-se somente à afabilidade dos servidores, à competência dos cozinheiros, ao zelo dos criados e ao bom gosto e ao asseio da mesa, pois é preciso que todos os outros serviços funcionem duma maneira impecável.

Neste capítulo há paradoxos verdadeiramente extravagantes, mas como além disso também são nocivos, convém evitá-los, não só em nome da decência, mas também por razões de higiene e de profilaxia, que são, ainda, as mais importantes.

Pensa-se por vezes numa fachada muito bonita, numa mesa muito pomposa, num quarto muito luxuoso e em pletoas de salamaleques, mas revela-se a incoerência, ao olvidarem-se as minudências

Continua na 5.a página

A GUINÉ PORTUGUESA

por Porfírio de Sousa

Continuação do número anterior

A Praça de Cacheu, ao ter conhecimento da arrepiante tragédia, viveu meses de angustiada expectativa, pois espera a todos os instantes que os indigenas do Xuro e os das outras localidades, em perfeita aliança, invadissem a vila e trucidassem, em requintes de selvejaria, os indefesos habitantes—que eram de cor, mas cristãos.

Quando em 1929 foi colocado como professor na vila de Cacheu, o Senhor Belarmino José da Costa—neto do antigo Governador Honório Pereira Barreto, que mais tarde me referirei a ele—contou-me toda a história do massacre do porto de Coroenque, em que o administrador alferes Nunes, o comerciante Manuel Rodrigues da Fonseca e alguns guardas perderam a vida tão tragicamente,

Devido a esse trágico desastre a vila ficou sem defesa, mas os habitantes na áncia de se defenderem de um ataque de surpresa cercaram a vila de paus a pique, em forma de sebe, e todas as noites um grupo de homens e de mulheres ficavam de sentinela por dentro da sebe.

Porém os dias angustiosos foram passando e os indigenas não chegaram a transformar em realidade o receio dos pacíficos habitantes de Cacheu.

* * *

A povoação de Cacheu—que mais tarde foi sede da mais importante Capitania-Mor da Guiné—pricipiou a desenhar-se, depois de construída a respectiva fortaleza, por altura de 1.588, pois, anteriormente a essa data, os comerciantes brancos residiam numa espécie

Continua na 4.a página

TRIBUNA FEMININA

Berlim apresenta a moda do Verão de 1962

Berlim continua a ser um dos grandes centros da moda da Europa — Transacções num montante de 200 milhões de dólares

Enquanto os raios suaves de um sol de outono douravam no últimos dias de Outubro as folhas das árvores em Berlim, já se celebrava o verão vindouro: na antiga capital da Alemanha, em Berlim, realizaram-se às passagens de modelos da moda do verão de 1962. Quasi todas as casas de modas da Alemanha, assim como firmas estrangeiras de renome internacional, apresentaram os seus modelos na antiga metrópole. Depois das passagens de modelos, os peritos resumiram a sua impressão: a moda de amanhã agradará a todas as senhoras. As suas linhas são moderadas, renunciando-se a estravagâncias. Realça-se a beleza das cores e dos tecidos, mantendo linhas simples e cómodas, que, não obstante, realçam a estética feminina. «Estes vestidos mostram-nos tais como os homens nos querem ver!» exclamou a conhecida atriz alemã Heidi Brühl depois de ter visto as colecções berlinenses.

Nestes dias era impossível arranjar um quarto em qualquer hotel berlinense. O Kurfürstendamm, a avenida elegante de Berlim, parecia um gigantesco atelier de modas. O outono deste ano presenteou os berlinenses com um tempo tão suave que os manequins puderam descer nos seus vestidos de verão aos cafés ao ar livre. Mais de 7.000 compradores da República Federal da Alemanha e de numerosos países europeus e até mesmo dos Estados Unidos e da Austrália vieram a Berlim para analisar a moda de 1962. Apesar da cisão, Berlim continua a ser o grande centro da moda europeia. Mais de 400 firmas da indústria do vestuário feminino trabalham em Berlim. Esta concentração é extraordinária, atingindo na antiga capital número igual ao de todas as empresas semelhantes na Alemanha Ocidental. Não há cidade europeia alguma onde se observe tal concentração. A indústria de modas de Berlim não se dedica somente à criação de modelos, como em Paris, mas à moda para o grande público. A par dos modelos exclusivos, apresentam-se numa variedade espantosa, modelos para séries, muito apreciados pelas indústrias de confecção.

As colecções berlinenses tiveram este ano um êxito extraordinário. Segundo estimativas, as vendas realizadas por casas berlinenses neste sector devem atingir este ano um total de 800 milhões de marcos,

(200 milhões de dólares) ou sejam 20% mais do que o ano passado. É interessante apontar neste contexto que se manteve o nível de preços do ano passado.

Na indústria de modas de Berlim trabalham actualmente, números redondos, 60.000 pessoas. Entre os ramos industriais da antiga capital, dos quais a indústria electrotécnica é a mais importante, a indústria de modas ocupa o segundo lugar. Fizeram-se sentir as

consequências da «Muralha de Berlim», pois cerca 10% do pessoal desta indústria vivia no sector soviético de Berlim. Com o seu dinamismo característico, os berlinenses superaram estas dificuldades. Respeitam-se rigorosamente as condições e os prazos de fornecimento. Não resta a mínima dúvida, que o balanço deste importante ramo industrial fechará este ano com resultados expressivos.

A mulher perante a Vida

É inegável que a vida moderna exige da mulher um poder de adaptação, um juízo mais criterioso e uma vontade mais forte para poder distinguir, entre tudo e todos os que a cercam, o trigo do joio. As tentações são, por vezes, grandes, os conhecimentos rápidos e simples, as relações entre colegas de trabalho ou vizinhas menos cerimoniosas. E assim acontece, frequentemente, darmos a nossa confiança a alguém que a não merece mas que, por força das circunstâncias nos pareceu sincero, leal, etc. Este «Alguém» tanto pode ser uma amiga, como um superior ou namorado.

Um dia, a verdade vem à tona. Descobre-se então que não passa de latão aquilo que por ouro se tornara. A desilusão, ou melhor, decepção, aninha-se no fundo da alma. A mulher retrai-se, passa a evitar novos conhecimentos, a ser, sistematicamente, desconfiada. Cada vez mais independente, cada vez mais desligada dos que a cercam, proclama bem alto, em palavras ou pelos seus actos, que o ninguém tem de dar contas e que de ninguém para viver. É senhora da sua existência e basta-se a si mesma. Ganha bem, pode vestir-se bem, divertir-se; e pode, até, dar-se ao luxo de não precisar, de facto, de ninguém, de viver absolutamente sôzinha — e viver bem.

Hoje em dia vêem-se imensos seres — homens, mulheres, jovens pouco mais que crianças — que vivem sôzinhos. Seja por impriosa necessidade de estudo, por razões de ordem financeira ou por motivos particulares, a cada momento deparamos com seres que passam, na solidão, a maior parte das suas horas de repouso.

Mas o homem foi feito para viver em comunidade. A fa-

mília é já uma comunidade; muitas famílias formam uma aldeia, uma vila ou uma cidade. E a Nação, no fundo, é um gregado familiar.

Antigamente, se as famílias queriam subsistir, defender-se dos ataques vindos de fora, tinham que se unir. Ou morriam todos, ou venciam todos. Hoje, por outros motivos embora, a subsistência de um ser humano, absolutamente sôzinho, seria impossível. Não pode, completamente sôzinho, fazer algo de grandioso. Os grandes monumentos de antanho e os enormes arranha-céus de hoje não poderiam ser trabalho de um indivíduo. É necessária a cooperação de muitos para se atingir um fim comum. Entretanto, o homem viu isso. Ninguém mete ombros, sôzinho, a uma empresa espinhosa. No campo humano, porém, qual o aspecto que se nos apresenta? É a solidão que domina o indivíduo. E mais do que o homem, é a mulher que sofre com a solidão que ela, muitas vezes, provocou.

A desilusão provoca a solidão...

O retraimento provoca a solidão...

A desconfiança provoca a solidão...

A independência exagerada, o orgulho de se ser só e não ter que prestar contas a ninguém, provoca a solidão...

Inebriada na sua conquista de um bom lugar na vida, embevecida no seu trabalho, a mulher não vê que caminho para a solidão.

Quantas vezes a rapariga moderna despreza o casamento, que a obrigaria a mudar de vida, para não perder a sua independência!

Quantas vezes o rapaz moderno evita constituir família para poder continuar... só!

A embriaguez da liberdade, a uns; o medo de serem enganados e desiludidos, a ou-

Culinária

A receita da cunzena

Cozem-se duzentos e cinquenta gramas de farinha de milho num litro de água temperada com sal.

Tira-se do lume, depois de bem fervida, e misturam-se-lhe cinquenta gramas de manteiga e cinquenta gramas de queijo ralado.

Mexe-se bem, deita-se num tabuleiro humedecido com água e deixa-se arrefecer completamente.

Volta-se o tabuleiro para cima dum papel grosso polvilhado com farinha de trigo, despeja-se e, depois de endurecida, corta-se em quadrados.

Passam-se por fatinha de trigo e fritam-se em óleo.

Quando saiem da fritura vão-se pondo sobre papeis pardos para lhes observar o excesso de gordura.

Colocam-se numa travessa, regam-se com queijo ralado e servem-se imediatamente.

Um processo para conservar a caça

Pode conservar-se a caça durante 10 ou 15 dias da seguinte maneira: amanha-se a caça, mas não se molha. Limpase por dentro, cuidadosamente, esfregando-a com um pano limpo e seco. Depois envolve-se num pano e deixa-se arrefecer completamente. Quando estiver frio mete-se

tro; a falsa noção da independência ainda a terceiros, arrasta todos, irremediavelmente, para a solidão.

Passada a embriaguez, que fica? Quando os olhos se abrem e olham à sua volta, nada mais vêem que um grande vazio. Não há família, não há amigos — não há ninguém.

Enquanto se é muito novo, basta decerto o facto de se ser livre e superior a preconceitos comezinhos. Mais tarde, a solidão cansa. Depois, pesa como chunibo. Mas o contacto está perdido. De repente, não nos podemos lembrar que tivemos família e amigos e procurar reatar relações mais ou menos cortadas. De repente, as nossas quatro paredes, mais ameaçam abafar-nos.

E que resta na idade avançada, quando, durante toda a vida, não quisémos ninguém à nossa volta? Um asilo, um hospital... Valeu a pena ser livre, independente, só?...

A independência e liberdade da vida de hoje, são boas quando bem usadas. De resto, não é novidade que a maior bem, quando exagerado, pode degenerar no contrário. Mas é à mulher que compete ser elo a ligar as duas correntes; ser traço de

dentro duma vasilha de barro vidrado, e deitasse-lhe por cima manteiga derretida, até formar sobre ela uma espessura de 5 centímetros, aproximadamente. Coloca-se a vasilha em sítio fresco. A manteiga pode aproveitar-se depois na cozinha.

LIMONADAS

Limonada

Fervem-se 10 partes de sumo de limões com 18 partes de açúcar. Para que fique transparente junta-se, antes, ao sumo, um pouco de pó de talco puro, agita-se bem e filtra-se antes de se juntar o açúcar. Guarda-se depois em frascos de vidro.

Limonada Portuguesa

Deita-se num copo uma casca de limão cortada o mais fino possível. Junta-se o sumo de meio limão a 2 colheres de açúcar. Acaba-se de encher o copo com água fresca e serve-se.

Limonada Inglesa

Num frasco próprio para agitar líquidos, deita-se 1 gema de ovo, o sumo de 1 limão, a 2 colheres de açúcar e uma chávena de gelo pisado. Agita-se fortemente e deita-se nos copos acabando-se de os encher com sifão.

união entre o que foi e o que será. A sua acção decidirá o futuro para si e para a sua família.

A mulher não pode ignorar que é a união que faz a força. A liberdade moderna consiste não em desprezar os que nos cercam mas em poder escolher aqueles com quem nos queremos aliar. Tem que ser mais judiciosa, mais sensata, mais previdente. Não pode fugir à vida. Tem que encarar, para a conseguir vencer. E para a vencer, não pode estar sôzinha.

Evitemos, portanto, a solidão destruidora que se apossa dos corações. E se tivermos ocasião de deparar com algum transviado que perdeu o contacto com o seu semelhante, ajudemo-lo a encontrar o caminho do regresso. Quantos não pedem auxílio com medo que lhe seja recusado? E quantos não deixam de o oferecer, receando ser mal aceites?

Não tenhamos medo. Saibamos vencer-nos, tal como vencemos já muitos preconceitos mesquinhos. Saibamos vencer-nos, ajudando os outros, pois é assim que nos ajudaremos a nós mesmos.

A vida só vence os que temem...

TRIBUNA do CONCELHO

CARTA DE LAGO

***** Meus caros amigos presentes e ausentes *****

Anuncio-vos o falecimento de Antónia Maria, vulgarmente conhecida por «Antónia do Abade».

Tinha 78 anos, era viúva de Justino Lopes, doméstica, e residia no lugar de Fonte Covas. Enquanto solteira foi criada do falecido P.º Lúcio, último Abade de Lago, durante muitos anos. Daí o nome porque era mais conhecida.

Teve a consolação de ver junto dela, nos últimos momentos da vida, Artur Lopes, sobrinho e pupilo, que breve termina o serviço militar e já tem os documentos prontos para ser operário da Fábrica Militar de Braço de Prata, em Lisboa.

Baptizados

No dia 12 de Novembro baptizou-se Maria Arminda Mendes Gomes, filha dos Senhores Domingos Lopes Gomes e Maria da Luz Peixoto Mendes.

Foram padrinhos Luis Lopes Gomes e Delminda Peixoto Mendes, tios da neófito.

Também no dia 19 de Novembro se baptizaram António Soares Gomes filho dos Senhores Miguel Lopes Gomes e Isaura Alves Soares; e José Manuel Pinto de Azevedo, filho dos Senhores José Manuel Mendes de Azevedo e Adelaide Pinto Rato. Foram padrinhos do primeiro António da Costa e Maria da Costa Machado; e do segundo, José Pinto Rato e Rosa Pinto Rato, todos do lugar da Ribeira, de Lago, Amares.

Distribuição do Correio

O autor destas cartas foi chamado há dias para fazer declarações na Estação dos C.T.T., de Amares, por nos ter escrito dizendo que o correio, e nomeadamente a Tribuna Livre, lhe chega à mão atrasado, às vezes, quatro e mais dias.

A carta em referência dizia que os jornais vinham às vezes pintados de vinho. Podeis crer que, se isso não fôsse verdade, eu não o diria. Contudo não me custa admitir que os jornais venham já atrasados, às vezes, do lugar de origem. Mas os responsáveis pelas coisas dos C.T.T. sabem perfeitamente que o motivo principal dos atrasos e das queixas que eu e outros temos apresentado é não haver distribuidor do correio para a freguesia de Lago. Julgo que em vez de martirizar a Senhora Empregada dos

Correios, em Amares, com autos e avisos de comparência, era bem mais útil rever a distribuição do correio no concelho e incluir a freguesia de Lago em um dos grupos.

Dá trabalho? Pois sim! Mas o trabalhar é que se ganha a vida e não há direito de conservar a freguesia de Lago sem a distribuição domiciliar do correio quando é certo que Barreiros, Rendufe, etc. a têm há muitos anos. Ou não teremos razão?

Outro Falecimento

Celebrou-se na 2.ª feira, 20, o 7.º dia do falecimento de Manuel Soares, solteiro, de 62 anos, agricultor. Faleceu no Hospital de São Marcos de Braga, e era filho de Tomás António Soares e de Isabel Alves Cerdeira. Foi sepultado em Braga.

Ficam por aqui as notícias de hoje.

Vosso: J. Moreira

Casa do Povo de Lago

Contra o que se diz e o que na realidade esteve para acontecer, não houve oposição nas eleições para a Casa do Povo de Lago.

Assim apenas foi presente uma lista.

RENDUFE

FALECIMENTO

No lugar do Mosteiro faleceu no dia 20-11-1961 repentinamente a S.ª D. Felisbela Amélia Azevedo Magalhães Rebelo da Silva Malheiro, viúva do sr. Tenente Carlos da Silva Malheiro.

A ilustre senhora era mãe da S.ª D. Beatriz Rebelo da Silva Malheiro e do sr. Carlos da Silva Malheiro Director Delegado do Nosso Café da cidade de Braga a quem apresentamos condolências.

Um mal nunca vem só

Foi muita deminuta a colheita de vinho verde e a deminuição continua. Nem nos cascos escapa, e a quantidade já ferveda nas adegas agravará mais o preço desse alimento quasi indispensável á mesa do trabalhador.

C.

RENDUFE

Automóveis sem Conductor

Uma boa notícia para os amadores do automobilismo que não podem comprar carro. Já podem matar o vício com pouco dinheiro porque em Braga na rua Abade da Loureira alugam-se carros sem conductor. A Sociedade constituída, a «Sociedade alugadora de automóveis» Rodomago, Limitada, da qual faz parte o nosso amigo e grande automobilista sr. António Gomes da Silva, lançou esta modalidade na grande cidade e espera que a compreensão de todos atinja os esforços dispendidos para o desenvolvimento automobilístico e facilidade dos apaixonados do volante. — C.

Aniversários

Fazem anos:

Hoje — O Sr. Nelson José de Sousa, ausente em França. Amanhã — O menino Francisco do Nascimento Gonçalves Dias.

Dia 27 — A menina Maria Madalena da Silva Dias.

* * *

Passou no dia 22 do corrente o seu aniversário natalício a menina, Olda Maria de Azevedo Dias, estimada filha do nosso particular amigo e assinante deste jornal, Sr. Jaime de Abreu Dias, funcionário Público, e da Senhora D. Mariett Barros de Azevedo Dias, Regenta do posto de ensino.

* * *

Passou no passado dia 21 do corrente o seu aniversário natalício a senhora Aurora dos Anjos Rodrigues da Silva.

Por tão alegre data seu marido e seu filho Alberto e assim como toda a família desejaram-lhe muitas felicidades e que esta se repita por longos anos.

SALVÉ O DIA 26-11-1960

Passa amanhã o seu aniversário natalício o nosso particular amigo Senhor António José da Costa Machado, ausente no Canadá.

Que esta data se repita por intermináveis anos; são os votos sinceros da Direcção dos Leões da Modelar, de quem ele é sócio benemérito e não podia deixar de lhe expressar os maiores parabéns por tão faustosa data.

Um amigo M. F.

Mais um projecto para solucionar

O «COLONIALISMO»

Continuação da 6.ª página

das afirmações do delegado da Bulgária é, pois, a seguinte: a ONU deve consumir «a libertação» do Congo e apressar «a libertação» do Quênia, de Angola, das Rodésias, de Moçambique e dos bantus sul-africanos, para que a OTAN, no caso de terceira guerra mundial, não possa dispor dessas bases africanas de «importância vital».

Não se pode ser mais claro. Não se pode ser mais franco. Mas, de qualquer modo, o de-

Salvé 28-11-961

Passa mais um aniversário natalício, no dia 28 do corrente, o nosso particular amigo e colaborador deste Jornal o Sr. António Batista Macedo Fernandes, distinto presidente da Junta de Freguesia de Ferreiros deste Concelho.

Tribuna Livre cumprimenta o ilustre aniversariante e faz votos pelo prolongamento de uma longa vida.

legado búlgaro foi na verdade, longe demais.

Na mesma sessão fizeram também largas referências a Angola o representante da Guiné, Diallo Telli («aos olhos dos povos africanos Portugal é um criminoso de guerra») e sobretudo Krishna Menon, que mais uma vez entendeu dever salientar que «na questão de Goa a União Indiana não põe de parte o uso da força». E prosseguiu, ameaçador:

— No meu país temos gente educada no culto da paz, mas também temos um Exército e uma Força Aérea. Já expulsámos os ingleses e os franceses. Os portugueses não podem constituir excepção. O nosso povo está impaciente e o meu Governo não pode continuar por longo tempo a dominar essa impaciência. Mas não se pode esquecer o que há em Angola, Moçambique, e outros territórios, onde os portugueses continuam a cometer actos incompatíveis com os deveres e obrigações de um membro da ONU.

CRÓNICAS DE ANGOLA

Meu pátrio-amor muito gosta
D'ouvir Ferreira da Costa,
Às nove e meia da noute
Azorragar os traidores
A esta Pátria de flores,
Com tão justiceiro açoute.

O seu carácter sublime
Não se verga como o vime
Quando estala o vendaval;
Antes de frente o encara
Quando a traição se prepara
Para vender Portugal!

Desde a hora arrepiante
Dêsse terrorismo hiante,
Está firme no seu posto,
Sem dar trégua aos vendilhões
Da mais nobre das nações,
Aos quais nunca vira o rosto.

Ferreira da Costa, creia
Que todos aqui na aldeia
Não deixam d'ouvir á noute
A sua vibrante voz,
Tão querida para nós
Por ser de trados açoute.

Como pode um português
Pensar que vai desta vez,
(Que tenebrosa ilusão!)
Pôr na rua Salazar,
O Homem mais singular
Que temos no coração;

E pôr cá um manequim
Às ordens do Kremlin!
Um novo urso, um harpia
A governar lusitanos
Que detestam os tiranos
Mais a sua cobardia....

UERBA

A Guiné Portuguesa

(Continuação da 1.ª página)

de aldeia—tabanca—em verdadeira promescuidade com os indígenas e muitas vezes (por serem em reduzido número, em relação aos negros) eram roubados, expoliados e, ainda por cima, vexados.

Essa aldeia, ainda existe, com o nome de Cacanda e tem um excelente laranjal, de finíssimas laranjas, possivelmente plantado pelos antigos comerciantes ou mais posteriormente por qualquer ordem religiosa que ali esteve.

Essa antiga aldeia dita da vila de Cacheu 300 a 400 metros apenas.

Nessa pequena tabanca há um uso que não conheci outro na Província—embora haja.

Os mortos são defumados até ficarem verdadeiras múmeas e depois, em indígena, especialista, dotado de grandes unhas, que se assemelham a garras, e com o seu auxílio esfolia o cadáver sem romper a pele.

Um dia foi assistir a um casamento de indígenas nessa tabanca e mostraram-me o indígena que esfolava os mortos e na realidade tinha umas unhas fora do normal e que curvam um pouco.

Possivelmente só tiravam a pele ao chefe da tabanca, e não a todos os indígenas que morriam.

O que posso asseverar é que nessa tabanca há saborosíssimas laranjas e os indígenas, apesar de estarem tão próximos da vila, têm receio de contar com os brancos.

A história de Cacheu é assás interessante, cheia de episódios—uns aureolados de bravura, outros repletos de ignominiosa traição e miséria.

Não cabe nos propósitos destes breves apontamentos fazer a história de Cacheu, ou de qualquer outra terra da Guiné, mas tão somente salientar e por em relevo alguns factos que são dignos de terem maior publicidade.

António de Barros Bezerra, pela sua dupla acção de comerciante e de autoridade, é uma das personagens que mais ligada está aos princípios da colonização da Guiné, mas, especialmente, à região de Cacheu.

António de Barros Bezerra já nesse tempo com larga experiência da vida do ultramar, pois havia sido Capitão-Mór da Praia, na Ilha de S. Tiago de Cabo Verde, de sociedade com Manuel Preto Valdez, fundou a Companhia de Cacheu, com carácter majestático.

Depois de tudo acordado e preparado, requereram a respectiva autorização para a fundação da Companhia e o contrato, de seis anos de duração, a contar da entrada em exercício em Cacheu, foi celebrado com El-Rei, por intermédio do Conselho Ultramarino, em 3 de Fevereiro de 1675.

Se à nova Companhia foram impostas duas obrigações, também, em compensação lhe foram conferidos privilégios que abrangiam o exclusivo da ne-

vegação e do comércio, bem como a administração dos territórios, sem fiscalização nem controle.

Foram, contudo, ressalvadas algumas garantias e regalias aos comerciantes de Cabo Verde e da Guiné, mas nem sempre foram respeitados pela Companhia, conforme se comprometera pela letra do contrato.

A Companhia de Cacheu, com o exclusivo da navegação, do comércio e da administração pública, tornara-se a senhora onipotente daqueles domínios, durante o período da sua gestão, e o pequeno comércio, dentro de breve tempo, viu-se pouco menos do que afixado.

Continua no próximo número

Leia, Assine

Publique no

«Tribuna Livre»

Visado pela censura

Caldelas presta homenagem ao seu pároco, o Rev.

JOÃO DE FREITAS

(Continuação da 1.ª página)

fora de série, ligada imperecivelmente a Caldelas e ao concelho de Amares.

Recebeu do concelho bastantes agravos e nenhuma das honras a que sempre teve direito por ser uma figura superior; foi talvez, até, por isso, que foram para com ele injustos, esquecidos que os homens realmente grandes, e são sempre.

Serve a freguesia há 40 anos e o sacerdócio há 50. razão porque são festejadas as suas Bodas de Ouro.

Em toda a sua longa vida não há uma masela que se aponte, um erro ou desvio a merecer reparo; mas sempre surge a figura hirta, digna e honrada, embelezada pelos seus trabalhos de arqueólogo, escritor e pensador, que o retiram do comum, para o situar numa galeria em que poucos nomes terão lugar.

Aqui lhe testemunhamos o maior apreço e a mais profunda admiração.

Já não creio...

Já não creio... Nem em Deus

Nem no sol nem no luar

Nem nas brisas odorentas

Nem nas fontes nem nos rios,

Que murmuram e sibilam

Como Cristo e o Diabo

Pelejando entre densas

E horríveis brutas trevas

A buscar sanguinolentos

As entranhas muribundas,

Pois agora já são ambos

Os vencidos duma guerra

Sem gemidos e sem crenças

Como sou eu do amor.

Tinham ambos uma tese

Que orgulhosos defendiam;

Tinham ambos legiões

Só formadas por estranhos

Mas impávidos guerreiros:

Uns com olhos mui serenos

Outros com eles candentes

Mas que todos enganavam!...

E agora já não creio

Nem em anjos nem em demos,

Com olhares brutais ou doces

A fulgir estranhamente,

A soprar do vento em popa

Que ingenuamente eu bebia!...

Já não creio, já não creio!

Nem no mundo nem em mim

Nem tampouco na semente

Do meu parvo coração

Que em vez de lançar a vida

Só a morte germinou

Com raízes repelentas

A sugar nune flor

Que entre abrolhos e mentiras

Ar ingénuo ela criou

Já não creio, já não creio

Na maldita minha crença!

As loucuras que nutri

Pela rosa da vergonha

Tão viçosa e tão nociva

Cujo mel era um veneno

E os olhos dos arcanjos

Tinham o dão de atrair

As abelhas inocentes...

.....

Já não creio, já não creio,

Nem no mundo nem em mim,

Já não creio, já não creio!

Cicero Dias

«OS LUSÍADAS»

Continuação da 6.ª página

«Le felicito por el amor, la cultura, la didáctica y el buen sentido con que sabe darse a Camões en este primer volumen de sus Comentarios a «Os Lusíadas». Si los demás tomos van ser así ya le valió la pena de tener nacido... porque no morirá para la Cultura Lusitana.

Do notável homem de letras, Prof. Doutor Soares Amora, Director da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis (São Paulo Brasil):

«Sua capacidade de realização e de estudo é fabulosa. Seu «Comentário» aos «Lusíadas» é das melhores coisas que tenho lido em matéria de penetração no texto e de clareza».

O Presidente do «Liceu Literário Português», do Rio de Janeiro, escreveu ao autor estas significativas palavras:

«Trata-se dum trabalho de

grande valor que bem mereceria ser usado nas escolas secundárias e universitárias de Portugal e Brasil, se houvesse um grande amor à Língua Portuguesa e se, efectivamente, todos, ou quase todos, desejassem saber escrever no nosso idioma, tanto lá como aqui. Trabalho de profundo estudo e observação; são justos todos os louvores a esta obra de tão alto valor».

Não valerá a pena estar a multiplicar as citações, pois seria um rosário de nunca acabar. Entre os melhores testemunhos figuram os do Prof. Doutor Rebelo Gonçalves, Prof. Hélio Simões (Bahia), Prof. Jordão Emerenciano (Recife), etc.

Endereço do autor:

Prof. REIS BRASIL

Liceu Nacional

Santarém—Portugal

A Visita Presidencial à Espanha

(Continuação da 6.ª página)

da Espanha» e de saudar o Generalíssimo pelos «imensos e decisivos passos dados pela Espanha, para confusão dos que ainda se encontram aferrados a mitos ultrapassados e hoje sem sentido»:

Está a Nação Portuguesa consciente de que entende bem a solidariedade devido à defesa de valores idênticos. E por isso, desde o primeiro momento, foi solidário para com a Espanha na luta comum. Nações irmãs, que mutuamente respeitam a individualidade própria de cada uma, depositárias de tradições e princípios que ambas consideram sagrados e por que ao longo dos séculos têm lutado, a Espanha e Portugal logo se identificaram e aliaram contra um inimigo que, sendo-o da Península, é

por igual adversário de todo o Ocidente. Este sentir paralelo se exprimiu no Pacto Peninsular, e eu proclamo aqui, em nome da Nação Portuguesa e do seu Governo, a nossa felicidade incondicional a esse instrumento de solidariedade e de acção. E é ainda aquele mesmo sentimento que tem imposto a Portugal lutar pela integração de Espanha na Aliança Atlântica, perante a hesitação de alguns que em face do perigo julgavam poder prescindir dos altos valores que a Nação Espanhola representa.

Em nome de minha mulher e no meu, agradeço ao Generalíssimo e à excelsa senhora Dona Carmen Franco a sua fidalga hospitalidade, e bebo pelas felicidades pessoais de Vossa Excelência e pela prosperidade e grandeza da Espanha.

FOTO MODELAR

reportagens de casamento
Baptizado e Banquetes

Fotografias tipo passe e ampliações

Telefone 62113

AMARES

Deseja trabalhos tipográficos
com rapidez e perfeição?

DIRIJA-SE À
MODELAR

Telefone 62113

Amores

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

Antigo Padroado de Rendufe

para a Missa conventual, e o Reverendo Vigário tocava a entrada; e mais lhe dava o Mosteiro quatro almudes de vinho, a saber, dous almudes em o segundo domingo de Janeiro e dous nas Ladainhas de Maio em cada um anno; e que a mesma freguesia tem obrigação de dar um passaro Pisco, e quatro reis de pão e uma cabeça de alhos dependurado no ferrolho da casa da renda na primeira oitava do Natal; e que a premícia da dita freguesia os lavradores ricos que têm bens bons pagam a cinco alqueires, e os mais ordinários pagam uns a alqueire e outros a alqueire e meio, e outros a dous alqueires, conforme se avêm por avença como rendeiro; e não se querendo estes avir, iam colher à eira, de um vizinho e lhe não pagavam nada; e os que pagam premícia inteira e os que pagam premícia por avença não pagam mais nada senão o frango ou um vintem por elle; e os que não pagam premícia alguma pagam de barcagem oitenta reis e um frango ou vinte reis por elle; e que os solteiros que tiverem bens, ficando em cabeça de casal pagam de premícia um alqueire; e os veuvos pagam somente meia premícia da que pagavam; e que mais dava o rendeiro duas vellas para as Missas conventuaes por conta do Mosteiro; e mais davam os Padres do Mosteiro de Rendufe a caldeira; e nesta forma tinham declarado o uso de que elles tinham noticia, que para constar mandou elle Doutor Juiz do Tombo fazer este termo...

Conclusos e termo de publicação a que se junta a

Sentença final

Vistos estes autos, Provisão de Sua Magestade em que me determinou fizesse Tombo dos bens e confinação dos limites das igrejas e freguesias em que houvesse duvida, unidas *in perpetuum* ao Mosteiro de Santo André de Rendufe da Congregação de São Bento e do seo Padroado e o mais pertencente às ditas igrejas, qual a de São Pedro de Codecenda, Santa Maria de Villar, a da Santissima Trindade da Capella, São Pedro de Barreiros, e São Martinho de Carrazedo, como eram as obrigações dos respectivos fregueses, seus uzos e costumes, e mais requerimentos do Procurador do Reverendo Dom Abbade do Mosteiro de Santo André de Rendufe atombante, citações feitas, assim em pessoas dos Vigários e mais reconhecimentos, como dos confiantes, como à revelia, títulos por uns e outros apresentados, louvação feita pellas partes e à revelia das mesmas informações que nos mesmos se tomaram por pessoas dignas de fé, e escrito; o que tudo visto, e mais que dos autos consta, julgo serem as igrejas de que se trata, com suas dizimarias, uzos e costumes, passal e residencia, ser tudo da apresentação do Mosteiro de Santo André de Rendufe da Congregação de São Bento Seo padroado, e ao mesmo unidas *in perpetuum* com suas dizimarias, limites dellas, e mais obrigações declaradas pelos juizes do Socino, e eleitos das freguesias, na forma que vai declarado em seus reconhecimentos, que tudo mando se lance em Tombo e entregue sua sentença ao Reverendo atombante, ao qual como aos mais que protestaram, lhes deixo salvo direito de seus protestos. Pague o Mosteiro atombante os autos — Rendufe, vinte e seis de Abril de mil setecentos oitenta e seis — a) Jose Antonio da Moffa Gomes.

* As reticências evitam escusadas repetições.

(Continua no próximo número)

Notícias para Angola

(Continuação da 1.ª página)

O Brasil separou-se de nós mas só quando atingiu a maior idade. Com isso nada perdemos, pois não fomos escurraçados... O primeiro Imperador brasileiro foi até o próprio Rei de Portugal, D. Pedro IV, e desde aí esse gigante tem sido sempre um filho dilecto com a parte aberta para os emigrantes portugueses que ali gozam de simpatia e prestígio. Para Angola e Moçambique está ainda longe esse momento embora o mesmo venha a acontecer, a autodeterminação nas nossas províncias de África, nesta altura, seria o aniquilamento de toda uma civilização de cinco séculos, seria a morte, a Sonegação de todos os bens e a expulsão para a Metropole de todos os nossos irmãos que as civilizaram e engrandeceram. A nossa cooperação e o nosso sacrifício não são esquecidos e correspondem ao desejo de todos os portugueses que desejam a felicidade a todos os que vivem em terras onde tremula a bandeira da Pátria criada com rasgos heróicos de patriotismo e respeito do Mundo pela dignidade que sempre usamos para sermos grandes.

Por hoje nada mais vejo que vos possa interessar a não ser o inverno que se aproxima que para nós aqui é martírio pior do que o calor escaldante das zonas tórridas como essa onde vos encontrais.

Elisio Gonçalves

Sir Roy Wellensky

Elogia a atitude de Portugal relativamente à África

(Continuação da 1.ª página)

gal continua a manter uma atitude progressiva.

Em resposta à pergunta de um jornalista, o Primeiro Ministro negou que tenha assinado qualquer tratado de defesa mútua entre a Federação e os territórios portugueses de Angola e Moçambique. Salientou que, segundo a Constituição rodésiana, só o Governo britânico tem poderes para assinar um acordo de defesa externa.

Sir Roy declarou que um dos principais assuntos que debateu com o Chefe do Governo português foi a possibilidade de se construir um oleoducto ligando o porto da Beira, em Moçambique, a uma refinaria na Rodésia. O projecto para a construção dessa refinaria foi posto de parte há algum tempo por não se ter chegado a acordo sobre o preço do transporte do petróleo em rama desde a Beira até à Rodésia em caminho de ferro.

Instalações Sanitárias

(Continuação da 1.ª página)

fundamentais, por onde se demonstra, precisamente, quanto se é superficial, vulgar e, o que é pior, incompetente.

E isto sucede em casas julgadas de boa categoria, cujos directores esquecem, lamentavelmente, que as instalações sanitárias merecem a maior atenção, não se compreendendo, de modo algum, o abandono a que são votadas.

A retrete é uma das principais dependências das modernas instalações sanitárias e deve obedecer a todos os requisitos da decência, da higiene e do conforto.

E além disso é uma dependência que deve estar sempre em rigoroso estado de aseo, dispondo de todos os elementos subsidiários indispensáveis tais como toalhas limpas, papel higiénico, lavabos, sabão, desinfectantes e água corrente abundante, luz e ar.

Nem sequer nas aldeias ou estâncias de turismo afastadas dos grandes centros populacionais se devem tolerar excepções, pois acima de tudo estão os superiores interesses do público e a causa nacional da saúde. A higiene, a de-

cência e o conforto também podem morar nas aldeias e, muitas das naturais deficiências desses logarejos, onde a civilização começa a penetrar, podem ser facilmente vencidas pelo engenho e boa vontade dos que vivem do turismo ou da prestimosa indústria hoteleira.

Assim o exige a educação cívica e o elementar respeito que nas sociedades progressivas devemos aos nossos semelhantes.

Se o leitor encontrar, nas suas digressões de turismo ou profissionais, nos hotéis, pousadas, pensões ou estabelecimentos similares em que se tiver de alojar, quaisquer deficiências que contenda com o exposto neste artigo, queir colaborar connosco, dando delas conhecimento ao Presidente da Câmara Municipal da respectiva área, ao Centro de Turismo Regional ou melhor, ainda, ao Secretariado Nacional de Propaganda, para que essas faltas sejam corrigidas, como convém, contribuindo deste modo o leitor, patrioticamente, para o aperfeiçoamento do turismo em Portugal.

Sátira

Ex animo dicere. Juro; juro!
Só tu, ó vento, sabes que é verdade;
Tu que sopras (e) no íntimo penetras
Como o pregão dum velho prematuro,
Corre, foge de mim como a saudade,
E tomba, dilacera, e fulminal
Oh! rasga como garras de felina
Sem pejo, e sem dó... sem piedadel

Ruge como o trovão, ahl loucamente!
Calca como a miséria calca o mundo,
(impávida, soberba, inexorável!)
Ai, fustiga, esmaga eternamente
A sátira maldita deste mundo
Criada pela bruta consciência
Desses imbecis, magños da ciência
Alunos do veneno, metres do imundo.

Destilam a verdade, e em frascos
Com grandes rótulos de publicidade
Apregoam, animam a comprar;
E os ingénuos sem lhes ver os cascos
Compram. Depois, julgando ser verdade,
Lançam por sua vez (o) mesmo pregão.
Alarga-se o mal, e, o mundo então,
Enche-se de mentiras e de cacos!...

Cícero Dias



BELOJOARIA
MAURÍCIO
QUEIROZ

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

Completo sortido de relógios das melhores marcas

R. D. Frei Caetano Brandão Telefone 22526 Braga

PÉLOS

Destruição definitiva pelo processo
mais moderno e rápido

RUA DE S. VICENTE 94 || BRAGA

Mais um projecto para solucionar o «COLONIALISMO», o terceiro, que apresenta como novidade não fixar data para a «liquidação do colonialismo»

Os «últimos vestígios do colonialismo» já podem sobreviver aos últimos dias de Dezembro de 1962, ao contrário do que pretendia a União Soviética para todo o Mundo, ou mesmo aos últimos dias de Dezembro de 1970, ao contrário do que reclamava a Nigéria, embora só para a África. No debate em curso no plenário da Assembleia Geral das Nações Unidas, sobre o colonialismo em geral e particularmente sobre os dois projectos de resolução, o soviético e o nigeriano, outro projecto de resolução apareceu hoje, apresentado por dezoito Estados asiáticos, entre os quais a União Indiana e a Indonésia, por 15 Estados africanos e por Chipre, em que se propõe para estudar o problema e formular «sugestões e recomendações» a esse respeito, o estabelecimento de uma comissão especial (mais uma...) de 17 membros, mas onde já não se fixa qualquer data limite para a «liquidação do colonialismo». E o mais curioso é que entre os Estados africanos que subscrevem o referido projecto de resolução figura a própria Nigéria, que, portanto, já pôs de parte a sua proposta inicial, o que se compreende tanto mais facilmente quanto se tem como certo que este projecto agora apresentado obterá sem dificuldade uma confortável maioria.

Entretanto, como o debate prossegue, alguns delegados vão aproveitando o ensejo para se referirem a Angola, à Argélia, ao Congo e à África do Sul, em termos que variam,

evidentemente, consoante o temperamento de cada orador e a ideologia de cada Governo.

Assim, enquanto o representante do Egipto (chamado «República Árabe Unida»), Mustafá Rated Abdel Wahab, se limitou ontem a lastimar que Portugal não tenha «obedecido» ao que «exigira», nos seus votos finais, a conferência de Belgrado—que pusesse termo sem demora à «guerra de Angola»—o representante da Bulgária, Yordan Tchobanov, repudiou com energia a tese de que Portugal se encontra «isolado» diplomáticamente e politicamente.

«Portugal não se encontra sózinho»—acentou o delegado bulgaro, acrescentando que:

1)—os aviões que os portugueses utilizam em Angola foram fornecidos pelos Estados Unidos;

2)—a Inglaterra promoveu em cooperação com Portugal manobras navais ao largo da costa de Angola «com o fim único de intimidar os nativos»;

3)—enfim, a Alemanha Ocidental está a fornecer aos portugueses material de guerra.

Mas — prosseguiu — se, por detrás de Portugal estão os Estados Unidos, a Inglaterra e a Alemanha Ocidental, por detrás dessas três potências está a Aliança do Atlântico, interessada na manutenção e defesa das bases, na África, que seriam «de importância vital» no caso de terceira guerra mundial.

A conclusão que se extrai

Continuação da 3.ª página

RESPOSTA A UMA CARTA

Meu Considerado Amigo X

Recebi a sua carta que li e considereei à mesma prefiro uma resposta pública a uma particular; princípio por dizer-lhe que nem lhe agradeço os seus elogios, nem levo a mal a sua censura, tudo quanto tenho escrito nas páginas deste valoroso semanário, tem sido sem apoio nem conselhos de ninguém, apenas o impulso da minha alma bem Portuguesa nisto tem colaborado, e nada mais; acrescento ainda que o não tenho feito com o fim de ofender ou desprestigiar alguém, no entanto se alguém se ofende...

Nunca foi cobarde, eis porque digo as coisas publicamente, pois sempre odiei essas pessoas que atiram a pedra e exconde a mão, como tantos que infelizmente eu conheço; o meu desejo é engrandecer a terra que me veu nascer, trabalhar no engrandecimento da Pátria e tornar num mundo melhor; é esse o meu objectivo, e não o de me tornar famoso como diz, não faça portanto pensamentos erróneos, e quando não queira auxiliar não estorve.

O mesmo amigo de sempre

José Silva:

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

«OS LUSÍADAS»

Comentários e Estudo Crítico

por Reis Brasil

PLANO DA OBRA

REIS BRASIL, é sobejamente conhecido como camonianista, no Mundo inteiro. As suas opiniões são seguidas, ou discutidas, em todas as grandes Universidades, onde existe a cadeira de Estudos Portugueses.

Acaba de ser editado o II Volume de «OS LUSÍADAS»: COMENTÁRIOS E ESTUDO CRÍTICO, uma obra monumental sobre a epopeia da Idade Moderna. Terminada a publicação desta obra, poderá dizer-se que é a última palavra sobre o poema da Fé, da Pátria, da Ciência, mas duma Fé, Pátria e Ciência, ao serviço da humanidade, pois Camões é apresentado como modelo e símbolo inesgotável de defesa de tudo quanto serve para elevar o Homem. Por isso, esta obra virá a demonstrar que Luís Vaz de Camões,

«homem feito de carne e de sentidos»,

soube ser o pregoeiro incomparável do humanismo vivo e fecundo, em que cada ser humano ocupa o seu devido lugar, em que os humildes e os trabalhadores de todos os tipos sociais são justamente vindicados contra todas as tiranias.

A obra completa deve constar de doze volumes. Serão dez volumes para o estudo respectivo dos dez Cantos (um por cada Canto); os dois volumes restantes serão dedicados a exames de conjunto sobre aspectos gerais de toda a epopeia. Entre esses estudos figurará a tese com que Reis Brasil tentará provar que a epopeia ca-

moniana é muito superior a qualquer outra, mesmo que essa epopeia tenha como autores Homero ou Virgílio. Além destes estudos, no final da obra haverá mapas e índices gerais. Estes compreenderão índices de todos os volumes, índices por assuntos, índices geográficos, índices históricos, índices mitológicos, índices de construções gramaticais. Não faltará um pequeno dicionário de figuras de linguagem e figuras de retórica.

Alguns testemunhos sobre esta obra

Do grande camonista brasileiro, Prof. Doutor Júlio Nogueira, da Universidade do Rio de Janeiro:

«Quem ler este volume já não pode dizer que desama o poema, porque o não entende».

Do Prof. Doutor Arlindo de Sousa, do Rio de Janeiro:

«Esta obra está muito acima de todas as publicações similares».

Da obra camonianiana de Reis Brasil, disse o Prof. Doutor Leo Magnino, da Universidade de Roma:

«...devia ser introduzida em todas as escolas, em todos os Círculos literários, em todas as Academias de Cultura. Numa palavra, todos os intelectuais, ou «se-dizentes» intelectuais, deviam ler e meditar as palavras de Reis Brasil».

Do notável escritor lusófilo, o distinto Catedrático espanhol, Prof. Doutor José Maria Viqueira, da Universidade de Madrid:

(Continua na 4.ª página)

A Visita Presidencial à Espanha

(Continuação da 1.ª página)

de Estado português exprimiu ao Generalíssimo a satisfação que sentia por entregar-lhe as insígnias das Três Ordens, condecoração concedida a título excepcional e que nunca mais galardoará estrangeiros, e à sra. D. Carmem Franco apresentou a Grã-Cruz da Ordem da Benemerência.

Pelo seu lado, o Chefe do Estado espanhol entregou ao seu visitante um colar da Ordem de Carlos III—que com as Ordens de Mérito Civil e de Isabel, a Católica, constitui a mais alta mercê honorífica da Espanha—e à sra. D. Gertrudes Thomaz fez a entrega da Grã-Cruz de Isabel, a Católica.

Acolhido por uma calorosa salva de palmas, o Chefe de Estado português e a sra. de Américo Thomaz receberam os seus compatriotas numa das salas mais espaçosas do edifício, a todos cumprimen-

tando pessoalmente e tendo para muitos palavras de carinho. Famílias completas, incluindo crianças de pouca idade, apresentavam-se-me, vendo-se nalguns rostos a emoção pelos momentos que viviam.

O banquete no Palácio Real

Às 22 horas iniciava-se no Palácio do Oriente, um dos mais sumptuosos da Europa, obra do século XVIII, o banquete oferecido pelo Generalíssimo Franco ao contra-almirante Américo Thomaz e que teve um esplendor que raramente poderá ser igualado.

Durante o banquete, a banda do regimento da Guarda do Caudillo fez-se ouvir, em interpretações de música espanhola e portuguesa.

Aos brindes, o Generalíssimo Franco saudou o contra-almirante Américo Thomaz e afirmou:

Chega Vossa Excelência à Espanha no momento em que o Estado que em vós se personifica acaba de receber uma nova prova da adesão do país. Chega também num momento em que o mundo vive com mais acuidade a sensação de crise do nosso tempo, em que as ameaças e os perigos nos cercam mais estreitamente. A firme unidade portuguesa perante estes perigos parece-nos simbólica e oferece-nos uma magnífica ocasião para exprimirmos de novo toda a fraternal solidariedade de Espanha: para reafirmar outra vez perante o mundo a amizade e o entendimento que nos unem, a portugueses e espanhóis para fazer do exemplo de unidade e de firmeza do vosso povo, base da unidade e firmeza das

nações peninsulares. Queremos dizer que, ante os perigos da hora presente, o sentido da responsabilidade que nos incumbe, a nossa decisão de preservar a ordem, a integridade e a independência dos nossos territórios constituem uma importante garantia da paz mundial, que nós, pela parte que nos toca, estamos dispostos a defender.

E a terminar disse:

Permita-me, Senhor Presidente, que, apoiado nesta esperança, brinde aqui pela grandeza e felicidade de Portugal, do glorioso e fraterno Portugal, que alargou os limites do orbe civilizado, e nas fronteiras do qual semeou as terras novas—desse mundo jovem que hoje aparece politicamente na cena internacional—de nomes portugueses, de castelos manuelinos e de Cruzes de Cristo: o Portugal marinheiro e descobridor que cumpriu com

vontade de bem fazer a tarefa universal que Deus colocou sobre os seus ombros; o Portugal que à grandeza do passado tem sabido adicionar nos nossos dias uma era de restauração nacional, de trabalho fecundo, de paz e de progresso, presidida por esse homem extraordinário que dirige o Governo do país de Vossa Excelência. E permita-me também que levante a minha taça pelas vossas felicidades pessoais e pela senhora illustre a quem, com Vossa Excelência, devemos gratidão pela honra que nos dais ao visitar-nos.

Respondendo ao brinde do Chefe de Estado espanhol, discursou o Presidente da República portuguesa que afirmou:

Depois de render homenagem à «grandeza e galhardia

(Continua na 4.ª página)